

Periódico

Didática, São Paulo,  
v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. *Didática*, São Paulo, v. 26/27, 1990/1991, p. 149-158.

## A ENTREVISTA NA PESQUISA SOCIAL\*

Eduardo J. MANZINI\*\*

*RESUMO: Neste trabalho, buscou-se apresentar e discutir algumas idéias comumente veiculadas a respeito da entrevista social sobre as seguintes questões: a) processo de interação social durante a realização da entrevista; b) viabilidade de sua utilização; c) vantagens e desvantagens da entrevista como instrumento de coleta de dados; d) classificação; e) análise de dados.*

*UNITERMOS: Pesquisa social; entrevista.*

Cada um de nós, provavelmente, já foi entrevistado ou atuou como entrevistador em algum momento de nossas vidas. De uma forma geral, as entrevistas têm em comum uma pessoa que solicita informação a outra com o intuito de obter dados sobre um tema determinado. Um universitário que faltou à aula pergunta ao colega como esta transcorreu, o que foi visto, se estava boa, e assim por diante. Uma pessoa na rua, em busca de determinado endereço, pede informações a outras pessoas sobre a rua desconhecida, sobre como chegar ao destino desejado. Em um namoro, as pessoas perguntam-se mutuamente sobre si (11, p. 111). No dia-a-dia, podemos observar também que, às vezes, não obtemos as respostas desejadas; que algumas perguntas embaraçam os informantes e outras abrem campo para um diálogo, certamente, proveitoso. Desta forma, a indagação é usada cotidianamente em nossas vidas, quer seja no lar, escola, ou trabalho, porém de maneira desestruturada, informal, e algumas vezes, sem requisitos importantes que lhe possibilitaria ser caracterizada como uma entrevista no sentido de uma técnica de coleta de dados.

\* A primeira versão deste trabalho foi realizada durante a disciplina "Métodos e Técnicas de Pesquisa: observação indireta do comportamento" ministrada pelo Prof. Dr. Nivaldo Nale - UFSCAR. Nesta última versão colaboraram os professores doutores Sadao Omote e Lúvia Mathias Simão aos quais agradecemos pelas sugestões.

\*\* Docente do Departamento de Educação Especial - UNESP - Campus de Marília.

Serviço de Xerox  
Pasta n.º 18  
Professor Eduardo  
José Magalhães

11.3

4

Para utilização na pesquisa, podemos entender a entrevista social como sendo um meio ou instrumento para coleta de dados sobre um determinado tema que se refere a um problema de pesquisa. Assim, dentre os vários tipos de entrevistas, focalizaremos aquela, cuja finalidade é buscar conhecer como se dão os fenômenos sociais, ou seja, a entrevista cuja finalidade decorra da pesquisa social com um problema de investigação definido. A conversa informal passaria a ser orientada por um objetivo previamente definido pelo investigador social que modificaria o caráter da conversa informal passando, então, a adquirir características de entrevista como uma técnica de coleta de dados.

Face ao problema de pesquisa definido, cabe perguntar qual a melhor forma de investigá-lo. A resposta a esta questão nos levará aos métodos e técnicas mais apropriados para estudá-lo. A entrevista poderá ou não ser um instrumento adequado para estudar o fenômeno em pauta.

A viabilidade de usar a entrevista como forma de coleta de dados dependerá, em primeiro lugar, da natureza das informações da pesquisa. Se os objetivos da pesquisa se referirem a informações que não estão registradas ou disponíveis a não ser na memória ou pensamento das pessoas, então, a entrevista pode ser um meio apropriado. Costuma-se usar entrevistas em pesquisas de opiniões, pesquisas retrospectivas, pesquisas comparativas, avaliativas e em pesquisas descritivas. Porém, isso não significa que em todas as pesquisas, que apresentam as características acima citadas, deva-se usar a entrevista como instrumento de coleta de dados. Podemos verificar que, apesar de os estudos etológicos serem basicamente comparativos e/ou descritivos, usa-se, geralmente, a observação como instrumento de coleta de informações.

A entrevista pode ser, ainda, usada quando a natureza das informações relaciona-se com princípios éticos que envolvam a intimidade dos informantes, quando então a observação direta da ocorrência do evento em estudo torna-se inapropriada. Como exemplo, podemos citar a busca de informações sobre o relacionamento sexual entre pessoas.

Após a conclusão de que a entrevista é o meio mais adequado para coletar os dados da pesquisa, alguns cuidados tornar-se-ão necessários quanto ao seu uso para garantir sua efetividade como instrumento científico para obtenção de dados.

Várias críticas têm sido feitas a esse instrumento quanto à fidedignidade dos dados. Segundo Bugada (5, p. 287-288), os problemas da utilização da entrevista se resumem basicamente em: a) a manipulação de respostas pelo entrevistador que consciente e deliberadamente pode alterá-las; b) distorções do entrevistador ao entender e registrar aquilo que é falado pelo entrevistado; c) a influência do entrevistador nas respostas do entrevistado que pode ocorrer inconscientemente, por parte do entrevistador, ao aprovar ou desaprovar idéias e opiniões do entrevistado. Se levarmos em consideração que a entrevista social é uma simples técnica, tais críticas seriam válidas. Porém, a entrevista é mais do que isso, ou seja, entrevistar significa envolver-se em processo de interação, significa interagir e, sob esse ângulo, tais críticas tornam-se simples características da entrevista ao invés de problemas. Desta forma, a entrevista pressupõe a existência de pessoas e a possibilidade de interação social (1, p. 109).

Segundo Gilbert (7), a coleta de dados realizada através da entrevista requer a atuação do pesquisador no processo de interação com o entrevistado. Nessa interação ocorre o que o autor chama de “imputação de papéis”, ou seja, durante a interação os participantes incorporam papéis que poderão se modificar no transcorrer da entrevista. Assim, ambos, entrevistador e entrevistado, passam a reagir em função dos papéis assumidos. A informação inicial que entrevistador e entrevistado possuem será um importante aspecto para construir a interação. É a base que começa por definir a situação e o próprio papel nessa situação.

Se, essas questões são importantes para o pesquisador, então, tentar planejar alguns aspectos da própria interação com o entrevistado deveria ser tomado em consideração.

Olhando por este prisma, poderíamos afirmar que a interação entre entrevistador e entrevistado seria função tanto de eventos ocorridos no momento da interação quanto de eventos anteriores a ela. Poderíamos, também, afirmar que, no transcorrer da entrevista, o entrevistador e o entrevistado trazem consigo experiências passadas que influirão na interação. Dessa forma, ao tentarmos planejar aspectos da interação, estaríamos levando em consideração aspectos que antecedem à interação que auxiliariam o entrevistador a adotar algumas formas de comportamentos que tornar-se-iam facilitadoras da mesma.

Um primeiro caminho, para planejar aspectos importantes do processo de interação, é o treinamento, se for o caso, do entrevistador para que este possa se posicionar e comportar-se de maneira a beneficiar o processo de coleta de dados. Uma vez que a entrevista é fundamentalmente um processo de interação social, uma falha na definição do papel do entrevistador poderá refletir na construção pelo entrevistado do seu próprio papel durante a interação.

O estabelecimento de um *rapport* – clima de segurança e confiança – é recomendável no início da entrevista e pode ser conseguido com sinceridade e franqueza por parte do entrevistador. Explicar a finalidade da entrevista, a qual instituição o entrevistador está vinculado, a importância que os dados têm para a comunidade e o caráter sigiloso da informação são elementos que podem ajudar a iniciar uma comunicação positiva (8, p. 245), e dar indícios para o entrevistado construir o seu papel na entrevista.

Outro elemento que influi no desenrolar da entrevista é o conhecimento prévio sobre o assunto por parte do entrevistador. Desta forma, estará em melhores condições de entender aquilo que o entrevistado fala (1, p.112).

A confecção de um roteiro de entrevista tem sido bem recebida pelos pesquisadores. Iniciando-se com perguntas pouco embaraçosas e de fácil resposta que exija pouca elaboração mental e incluindo gradualmente questões mais difíceis de serem respondidas, que envolvam maior elaboração por parte do entrevistado, o roteiro pode ajudar na obtenção das respostas.

O “como” formular perguntas é, sem dúvida, um importante ponto. O entrevistador tem que dar a visão de que a entrevista não é um interrogatório. O tom de voz

deve ser natural evitando tanto quanto possível o tom de “leitura” de perguntas. Da mesma forma, para controlar direcionamentos específicos nas respostas subsequentes do entrevistado, Ander-Egg (1, p. 115) afirma que é necessário evitar gestos ou palavras que impliquem críticas, surpresas, aprovação ou desaprovação do conteúdo das respostas. Porém, se o entrevistador não aprovar, mesmo que seja simplesmente escutando aquilo que o entrevistado fala, o que irá então manter a entrevista? Tal afirmação parece complicada, pois, se o entrevistador não gesticula ou verbaliza que está entendendo ou ouvindo aquilo que o entrevistado fala, pode o entrevistador tornar-se apático no processo de interação, o que, certamente, não contribuiria para a coleta de informações.

Quando a entrevista envolve vários temas ou aspectos diferentes de um mesmo tema, é conveniente que, antes de cada um desses temas, se introduza alguma frase de transição que alerte o entrevistado quanto à mudança. Frases do tipo: “bem, agora vamos mudar de assunto...”, “vamos falar um pouco sobre...” propiciam as mudanças de temas e soam como expressões de “descanso” que ajudam a situar psicologicamente o entrevistado. Breves comentários sobre o que foi falado pelo informante ajudam a manter a comunicação, da mesma forma que ser, simplesmente, um bom ouvinte (1, p. 115).

Segundo o mesmo autor acima citado, quando desejamos que respostas a perguntas sejam completadas, podemos lançar mão de expressões “neutras” do tipo: “fale-me um pouco mais sobre isso...”, “qual é a causa segundo a sua opinião?”, “por que lhe parece que é assim?”, “qual a sua idéia sobre esse ponto?” (1, p. 116). Porém, essas frases, dependendo do entrevistado, podem soar como aprovações ou desaprovações.

Em se tratando da estrutura da pergunta, é necessária uma escolha quanto à linguagem utilizada. A clareza da pergunta pode ser comprometida com o uso de vocabulário desconhecido pela população alvo (6). Alguns autores sugerem que a melhor forma de estabelecer a clareza da linguagem é através da realização de um estudo piloto que consiste na utilização do roteiro da entrevista em um pequeno grupo de sujeitos a fim de corrigir e adaptar as perguntas e a linguagem para aquela população.

Segundo Bugada (5, p. 299), a validade da resposta também pode ser comprometida se a pergunta trazer ambigüidades, advérbios de negação, ou sugerir ao informante que certas respostas são esperadas como, por exemplo: “você *nunca* fez...”; “você *não* acha que...”. Porém, é preciso cuidado ao generalizar. A pergunta: “você sempre agiu assim?” pode ser válida quando se deseja obter uma medida de frequência de ocorrência do comportamento.

A clareza da resposta pode, também, ser comprometida se houver vacilações ou insegurança nítida ocasionadas por nervosismo ou ansiedade do entrevistador. Expressar-se direta e objetivamente sem rodeios e com precisão é o mais indicado (5, p. 298).

Segundo alguns autores (5, p. 301; 8, p. 258), uma estratégia para garantir a veracidade da resposta é fazer a pergunta de verificação. Essa pergunta é usada quando o informante responde “não sei” e/ou quando desconfiamos que a pergunta foi respondida de forma incompleta. Às vezes, quando se trata de pessoas pouco instruídas

ou de pessoas com algum grau de deficiência mental, um bom procedimento é aparentar não ter compreendido a resposta e voltar a insistir na questão, procurando, se possível, usar palavras mais simples. Essa questão da veracidade da resposta parece ser um ponto altamente questionável. Parece que o que se busca ao utilizar a entrevista na de coleta de dados é estudar a versão que é dada sobre o fenômeno em pauta e não uma possível verdade absoluta sobre o fenômeno. Além disso, as versões sobre um fenômeno variam de pessoa para pessoa e, assim, visto que o homem pode modificar a sua forma de compreender-se e de compreender o mundo que o cerca, a versão sobre um fenômeno pode variar para uma mesma pessoa de um momento para outro.

A entrevista é um instrumento bastante complexo e a generalização de um procedimento torna-se bastante difícil devido às próprias nuances do processo de interação entre entrevistado e entrevistador. Parece, pois, que a grande dificuldade de conseguir programar a interação durante a entrevista é o fato da mudança constante que ocorre não somente nas percepções entre entrevistado e entrevistador, mas também devido às questões que são colocadas para o entrevistado\*. Geralmente, quando o entrevistador apresenta uma nova pergunta ao entrevistado – quer em função de o entrevistador estar sob o controle de um objetivo de pesquisa e de um roteiro, quer em função de situações circunstanciais à própria entrevista ou pelos dados fornecidos – este (entrevistador) age diretamente sobre o campo psicológico do entrevistado (4, p. 211), o que dinamiza a interação, dando-lhe um caráter de processo.

### Vantagens e Desvantagens da Utilização da Entrevista

Como todo método de investigação, a utilização da entrevista oferece vantagens e desvantagens (1, p. 118-122).

Dentre as vantagens que, de modo geral, podem ser atribuídas à entrevista, podemos citar as seguintes: a) muitas vezes é a única forma de obtenção do tipo de dado que desejamos; b) é eficaz para obter dados relevantes e significativos; c) os dados são passíveis de mensuração e análise.

Ao compará-la com o questionário, traz as seguintes vantagens: a) é possível obter respostas mais precisas do informante pois o entrevistador pode, além de fazer perguntas complementares, ajudar a expressão adequada do pensamento do entrevistado; b) pode o entrevistador captar, através da circunstância de interação que cerca a entrevista (gestos, tom de voz, postura física), as reações do entrevistado às perguntas; c) não requer que a pessoa entrevistada saiba ler ou escrever; d) oferece flexibilidade, pois o entrevistador pode esclarecer e repetir perguntas e adaptá-las mais facilmente às pessoas e circunstâncias concretas; e) aumenta a probabilidade de que as pessoas com as quais se entrou em contato respondam às questões, pois é mais fácil não responder uma carta do que dispensar um entrevistador.

\* Para maiores detalhes ver Blanchet (1988).

Dentre as desvantagens podemos citar as seguintes: a) é demorada; b) é economicamente cara; c) via de regra, é necessário um treinamento dos entrevistadores; d) devido à interação social que se estabelece, o entrevistador pode influenciar a resposta do entrevistado; e) limitações na expressão verbal do informante diminui a possibilidade de obtenção de dados através da entrevista; f) comparada com o questionário, é pouco econômica; g) não existem procedimentos prontos para se fazer uma análise do conteúdo das informações.

### Classificação

O penúltimo aspecto que iremos abordar é o problema da classificação das entrevistas. Alguns autores (1; 6) têm se interessado por esta questão e, dentre as várias classificações, optamos por apresentá-las de forma resumida nos atendo a três grandes grupos: entrevistas estruturadas, semi-estruturadas e entrevistas não estruturadas.

A entrevista estruturada é constituída de perguntas fechadas. Essas perguntas são apresentadas ao entrevistado sempre na mesma ordem e nos mesmos termos. Tem como característica um tom interrogativo. O uso de um roteiro previamente preparado com espaço para as respostas é, via de regra, o procedimento mais comum. Isto facilita a tabulação dos dados diminuindo o tempo gasto. Atualmente, com o uso do computador, tornou-se bastante eficiente no trabalho de análise de dados nesse tipo de entrevista. É mais adequada quando as respostas são limitadas e conhecidas. Geralmente os dados são descritivos como, por exemplo: sexo, idade, nível educacional.

Na entrevista semi-estruturada, a resposta não está condicionada a uma padronização de alternativas formuladas pelo pesquisador como ocorre na entrevista com dinâmica rígida. Geralmente, a entrevista semi-estruturada está focalizada em um objetivo sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. O uso de gravador é comum a este tipo de entrevista. É mais adequada quando desejamos que as informações coletadas sejam fruto de associações que o entrevistado faz, emergindo, assim, de forma mais livre.

Na entrevista não estruturada, é feita uma pergunta que serve como estímulo e as informações emergem das associações e experiências do entrevistado. Geralmente, as técnicas utilizadas são aquelas chamadas de "espelhadas", nas quais o entrevistador apresenta para o entrevistado o que compreendeu da resposta que havia sido dada com o intuito de que o entrevistado continue falando sobre o tema em questão. Este tipo de entrevista também é chamada de "relato de fato" ou "relato de experiência". É mais adequada quando se deseja uma maior liberdade de iniciativa da pessoa entrevistada.

Queiroz (13, p. 47-48) classifica as entrevistas de forma semelhante. Segundo esta autora, a coleta pode seguir três rumos distintos: 1) a entrevista é rigorosamente organizada e o pesquisador conduz a conversa; 2) a entrevista tem um roteiro e é semi-orientada. O pesquisador de tempos em tempos efetua uma intervenção dando

margem a iniciativa do entrevistado; 3) a entrevista é livre e o pesquisador, depois de um breve diálogo inicial, limita ao máximo suas intervenções.

Segundo a mesma autora, na entrevista organizada o pesquisador define sempre de antemão e detalhadamente o que procura. Tal entrevista pressupõe a existência de conhecimento anterior, no qual o pesquisador apoia-se para organizá-la. Na entrevista com roteiro, o pesquisador controla a conversa tentando evitar divagação, porém dá certo grau de liberdade de iniciativa para o entrevistado. Já na entrevista livre, o intuito é que o entrevistado tome o rumo que preferir. Segundo Queiroz, esta técnica é apropriada para coleta de narrativas longas, com encadeamento de ações, de acontecimentos, de circunstâncias no tempo. Também, é apropriada quando se pretende conhecer de maneira profunda como o informante concebe o mundo.

### A Questão da Análise

Uma grande dificuldade sentida por aqueles que utilizam a entrevista com finalidade de pesquisa, principalmente aquelas que apresentam perguntas abertas, é com a forma de analisar e apresentar os dados. Após a coleta de dados, o pesquisador depara-se com uma grande quantidade de falas registradas\* e a questão que paira nesse momento é: o que fazer com todas essas informações?

A resposta a essa questão está intrinsecamente ligada ao objetivo inicial da pesquisa. O entrevistador deverá, então, buscar uma forma de análise que leve em consideração o seu objetivo. De igual maneira, se o pesquisador, ao por em prática o procedimento de coleta de dados, desviar-se do seu objetivo inicial, terá como resultado um outro conjunto de informações que não se relaciona com o objetivo primeiramente pretendido. Assim, será necessário colocar um novo objetivo e perguntar-se para aonde ou em que direção aquelas informações apontam, ou seja, como aquelas informações podem ser tratadas.

Divergindo ou não do objetivo inicial, a análise é uma etapa seguinte à coleta de dados e que precisa ser realizada. Na análise, o pesquisador precisa separar o discurso em partes para que possa extrair e apreender as informações contidas nessas partes, para depois transformar as informações em dados, ou seja, essa transformação da fala transcrita em classes ou categorias será o tratamento das informações. É comum nesse momento do processo de análise a necessidade de o pesquisador fazer várias leituras do material transcrito para poder identificar quais partes do discurso se relacionam entre si e como elas poderiam ser agrupadas para responder à pergunta do pesquisador.

Uma forma tradicional de analisar e tratar os dados tem sido a identificação daqueles trechos que aparecem no discurso e que se relacionam com o objetivo da pesquisa, pinçando-os ou ressaltando-os para uma discussão do conteúdo. Nesse processo, o pesquisador lança-se à procura de dados que embasem a suposição inicial. Uma

\* Sobre a questão do registro de falas ver Queiroz, 1983, p. 65 a 85.

grande desvantagem dessa forma de analisar e tratar as informações é que o pesquisador despreza grande quantidade de dados que poderiam ser analisados e discutidos, o que enriqueceria o trabalho de pesquisa.

Uma outra forma de tratar os dados é aquela que ocorre especificamente quando o pesquisador utiliza um roteiro dividido em temas. Nesse caso, constrói-se agrupamentos ou classes valendo-se dos temas de construção do roteiro de entrevista, ou seja, o pesquisador separa trechos da fala transcrita de acordo com os temas da entrevista. Uma desvantagem desse tipo de tratamento é que, às vezes, nem todos os temas conseguem abranger todas as verbalizações, uma vez que os temas foram construídos *a priori* e os dados coletados *a posteriori*. Assim, pode ocorrer que seja necessária a construção de outros temas que possam abarcar as informações que não se encaixam nos temas definidos anteriormente à coleta de dados.

Outro procedimento que difere das formas tradicionais, tanto de coletar dados quanto de analisá-los, foi construído por Bori e colaboradores (3), e utilizado por Tunes (15), Simão (14), Goyos (10) e Manzini (12). O procedimento de coleta, resumidamente\*, consistia em várias sessões com o participante que recebia as informações transcritas daquilo que havia sido falado nas sessões anteriores.

De uma sessão para outra, o entrevistado recebia um caderno que era acrescido, a cada sessão, com as suas respectivas falas. Esse caderno era organizado em colunas que identificavam classes de informações. Tais classes eram identificadas na primeira sessão e a sua disposição em colunas tinha a função de propiciar condições para que os participantes continuassem fornecendo informações\*\*. No tratamento dado às informações, os pesquisadores buscavam identificar partes do discurso que se relacionavam entre si agrupando-as em classes (classes de ação e/ou classes de conteúdo). Porém, a característica comum nestes trabalhos é que o material transcrito foi utilizado em sua totalidade, ou seja, eram construídas classes para todas as informações e assim nenhum dado era desprezado. Note-se que, nestes casos, foram construídas classes ou categorias tanto no procedimento de coleta de informação como no tratamento dos dados, devido aos diferentes objetivos dessas duas etapas da pesquisa.

Uma outra forma de classificar os dados, principalmente se o objetivo da pesquisa se relacionar com a ocorrência de comportamentos, diz respeito ao tratamento estatístico, sendo que o pesquisador pode mensurar os comportamentos desejados, submetê-los a esse tratamento e discuti-los. Também, se for o caso, pode-se mesclar a discussão advinda do tratamento estatístico com o conteúdo da análise verbal das informações.

Finalizando, a entrevista como método de investigação social vem sendo reconhecida cientificamente e cada vez mais tem sido aperfeiçoada, reestudada e reestruturada. Esses avanços acabam por exigir mais cuidado e maior responsabilidade por parte do cientista social ao usá-la evitando, assim, os problemas que cada vez mais claramente têm sido apontados e criticados.

\* Para maiores detalhes ver Tunes (1981, p. 37-38); Simão (1986, p. 14-19).

\*\* Ver Tunes (1984, p. 8-9).

MANZINI, E. J. The Interview in Social Research. *Didática*, São Paulo, v.26/27, p. 149-158, 1990/1991.

*ABSTRACT: This paper presents and discusses some well-known ideas about the social interview as to the following issues: a) interview as a social interaction process; b) possibility of application; c) advantages and disadvantages of the interview as a data-gathering instrument; d) classification; e) analysis of data.*

*KEYWORDS: Social research; interview.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDER-EGG, E. *Introducción a las técnicas de investigación*. 5.ed. Buenos Aires: Humanitas, 1976. p. 109-122.
2. BLANCHET, A. Complémentations et interprétations d'un intervieweur dans l'entretien de recherche: leurs effets sur le discours de l'interviewé. *Psychology Française*, Paris, v. 33, n. 4, 280-288, dec. 1988.
3. BORI, C.M., BOTOMÉ, S.P. DAL PIAN, M.C., DE ROSE, J.C.C., TUNES, E. Desempenho de professores universitários no levantamento e caracterização de problemas de ensino: descrição de um procedimento. In: REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA DE RIBEIRÃO PRETO, 8., 1978.
4. BRENNER, M. The analysis of situated social action: the case of the research interview. In: GINSBURG, G.P., BRENNER, M., VON CRANACH, M., orgs. *Discovery strategies in the psychology of action*. London: Academic Press, 1985. p. 207-227.
5. BUGEDA, J. *Manual de técnicas de investigação social*. 2. ed. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1974. p. 287-311. (Estudios de Sociología)
6. FOX, D.J. *The research method in education*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1969. cap. 18.
7. GILBERT, G.N. Being interview: a role analysis. *Social Science Information*, London and Beverly Hills, v. 19, n. 2, p. 227-236, 1980.
8. GOODE, W. J. HATT, P.K. *Métodos em pesquisa social*. Trad. Carolina Martuscelli Bori. 7.ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1979. p. 237-268. (Biblioteca Universitária. Ciências Sociais)
9. GOYOS, A.C. de N. *A profissionalização de deficientes mentais: estudo de verbalizações dos professores acerca dessa questão*. São Paulo: USP, 1986. Tese (Doutorado)
10. GOYOS, A.C. de N., MANZINI, E.J., CARVALHO, M.B., BALTHAZAR, M.F., MIRANDA, T.G. Justificativas para a formação profissional do deficiente mental: revisão da literatura brasileira especializada. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 69, p. 53-67, maio 1989.
11. NOGUEIRA, O. *Pesquisa social: introdução às suas técnicas*. São Paulo: Ed. Nacional, 1968. p. 111-119.
12. MANZINI, E.J. *Profissionalização de indivíduos portadores de deficiência mental: visão do agente institucional e visão do egresso*. São Carlos: UFSCAR, 1989. 123 p. Dissertação (Mestrado)